

Previsões que nunca se realizam

11 SET 1999

CORREIO BRAZILIENSE

Estimativas sobre balança comercial, desempenho do PIB e inflação terão de ser revistas por técnicos do FMI

Liana Verdini
Da equipe do **Correio**

A nova rodada de negociação do governo brasileiro com a missão do Fundo Monetário Internacional (FMI), chefiada pela economista Teresa Ter-Minassian, desperta a curiosidade de quem acompanha o desfecho das conversas. A questão agora é saber qual será a nova previsão para o resultado da balança comercial deste ano. Projetar esse número está parecendo um exercício quase tão difícil quanto fazer o país voltar a crescer no curto prazo sem inflação.

A dificuldade não é só do governo. Consultores e empresários do comércio exterior também não conseguiram melhor desempenho na arte de prever o saldo da balança comercial deste ano. Os valores projetados pelo setor privado foram tão diversos quanto os previstos nos memorandos levados à cúpula do FMI.

No final do ano passado, por exemplo, quando o Brasil recor-

reu ao Fundo depois da crise russa, o governo acreditava que o comércio internacional registraria um superávit de US\$ 2,8 bilhões em 1999 e incluiu esse dado na carta de intenção aprovada pelo FMI em dezembro. Nessa época, o mercado previa um déficit de US\$ 1 bilhão. Veio a liberação do câmbio em janeiro e as contas foram refeitas. Na revisão do acordo, o governo se comprometeu com um superávit de US\$ 10,8 bilhões, mas os profissionais do setor projetaram um resultado de no máximo US\$ 6 bilhões a favor das exportações brasileiras.

Dois meses depois, a área econômica admitia informalmente esses mesmos US\$ 6 bilhões para este ano. Mas o setor privado já tinha revisto sua projeção e apostava num superávit máximo de US\$ 3 bilhões. Na última revisão, em junho, o governo previu que a balança seria favorável ao Brasil em US\$ 3,7 bilhões e no mês passado essa projeção caiu para US\$ 1,5 bilhão.

André Corrêa 9.6.99



Teresa chefia missão do Fundo que vai rever as metas com o Brasil

Na quinta-feira, o secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Edward Amadeo, reconheceu que até esse resultado mais modesto não seria alcançado. No setor privado, as últimas projeções variam entre

um superávit de US\$ 1 bilhão e um déficit de US\$ 2 bilhões.

Todos esses erros estão sendo atribuídos a um conjunto de fatores. A Associação Brasileira de Comércio Exterior (AEB) lembra que o perfil dos produtos

A DANÇA DOS NÚMEROS			
Itens	acordo dezembro	revisão fevereiro	revisão junho
Superávit comercial	US\$ 2,8 bilhões	US\$ 10,8 bilhões	US\$ 3,7 bilhões
Investimento direto	US\$ 18,8 bilhões	US\$ 17 bilhões	US\$ 18 bilhões
PIB	-1%	-3,5% a -4%	queda superior a 1%
Inflação	2%	16,8%	8%
Déficit nominal	4,7%	10,34%	9%

Fonte: Ministério da Fazenda

exportados mudou nos últimos anos. Os produtos agrícolas continuam a ter um peso relevante na balança comercial e estão sofrendo com os preços em queda no exterior. Mas os fabricantes ganharam espaço na balança e os principais consumidores entraram em recessão depois de tantas crises internacionais. Com isso, o Brasil passou a vender, e a faturar, menos. Daí tantas mudanças nas previsões.

Há outras versões sobre os números projetados pela área econômica para o comércio exterior. Circulando pelos ministérios é possível ouvir a seguinte história: os números da balança foram lançados para cima para mostrar aos investidores estrangeiros que o Brasil não necessitava dos dólares dos

especuladores para honrar seus compromissos. Agora que o ambiente é mais tranquilo, números mais próximos da realidade podem ser apresentados sem risco de afugentar o capital estrangeiro.

Outros indicadores também foram mal projetados, como a inflação, o volume de investimento estrangeiro direto e o comportamento do Produto Interno Bruto (PIB), termômetro da economia. Esses números terão de ser ajustados também. Tudo porque a economia brasileira não mergulhou na recessão prevista, com reflexos positivos sobre o PIB, que poderá até não encolher, e sobre os investimentos diretos, previstos agora para alcançar US\$ 25 bilhões em dezembro.